HELDER COSTA

FERNÃO, MENTES ?

Versão livre da «Peregrinação» de
FERNÃO MENDES PINTO

HELDER COSTA

ULFLOD01696

FERNÃO, MENTES ?

Versão livre da «Peregrinação» de
FERNÃO MENDES PINTO

TEXTOS "A BARRACA"
LISBOA
1982

"FERNÃO, MENTES?"

de

HELDER COSTA

(Versão livre de "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto)

Esta peça foi estreada pela Cooperativa de Acção Teatral "A BARRACA", no dia 18 de Novembro de 1981, no Porto, durante o Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica.

ACTORES

ANTÓNIO CARA D'ANJO
CARLA OSÓRIO MOURÃO
CLARA ROCHA
JOÃO MARIA PINTO
JOÃO SOROMENHO
MADALENA LEAL
MANUEL MARCELINO
MARIA DO CÉU GUERRA
ORLANDO COSTA
SANTOS MANUEL

FICHA TÉCNICA

Encenação	HELDER COSTA
Assistente de encenação	SANTOS MANUEL
Cenografia	A BARRACA e JORGE SACADURA
Panos, bonecos e esferovite	JORGE SACADURA (com a colaboração de VIVIAN)
Marionetes	XICO ESTEVES
Guarda-Roupa	A BARRACA e SANTOS MANUEL
Luminotécnico e Op. de Som	PAULO GRAÇA
Mestre Carpinteiro	JOAQUIM PIRES
Execução de guarda-roupa	AIDA LEITE, SOFIA PINTO e colaboração especial de D. TERESA
Sonoplasta	A BARRACA
Execução da pintura do mapa:	JOAQUIM SANTOS
Gravação das músicas	ESTÚDIO COSTA PINTO
Técnico de som	COSTA PINTO
Instrumental	FAUSTO, JÚLIO PEREIRA, JOÃO MARIA PINTO, ORLANDO COSTA
Vozes	ANTÓNIO, CARLA, JOÃO, SOROMENHO, MADALENA, ORLANDO, PAULO, FAUSTO
Efeitos sonoros	Colaboração especial de LUÍS CÍLIA e FAUSTO
Cartaz	JOÃO PAULO BESSA
Capa do programa	ANTÓNIO CARA D'ANJO
Programa	MANUEL MARCELINO
Produção	A BARRACA
Fotografias	CARLOS GIL

FERNÃO MENDES PINTO,

SOMOS NÓS TODOS

Falemos dos motivos que nos levaram a pegar na "Peregrinação", esse verdadeiro monumento da literatura universal, que continua a ser praticamente desconhecido pelos portugueses.

Antes de mais, o valor do texto. Os textos valem pelo que reflectem da personalidade e da vivência do autor. Fernão Mendes Pinto foi um dos milhares de portugueses que arrostou contra ventos e marés seguindo a rota que o levaria ao El Dorado. Felizmente para todos nós, acabou por ser o Charlot da Quimera de Oiro. E deixou disso testemunho farto e eloquente. As peripécias por que passou esse "pobre" português têm pouco de grandiloquente e de guerreiro ou santo exemplar. Mas têm tudo de verdade, têm tudo da vida. Os medos, as riquezas súbitas, a astúcia, a miséria, a desgraça, a audácia, o "safar a pele", a inteligência, a solidariedade, e acima de tudo, um final de vida tranquilo que permite olhar para trás sem remorsos nem arrependimentos, transforma Fernão Mendes Pinto no arquétipo do homem do povo da grande gesta dos Descobrimentos.

Convenhamos que era preciso começar a falar desta arraia-miúda que construiu o país que somos, que foi colonialista e racista, sensível e humilde, gloriosa e rasteira. Tantas voltas que o Mundo tem dado, e acaba por vir sempre esta gente a dar-nos a lição de História.

"Fernão Mendes Pinto, somos nós todos". É uma frase que se ouve frequentemente (por quem estudou o autor e a obra). Pensei nesta frase, e levei-a a sério. Daí a repartição do personagem por todos os actores. De um ponto de vista teatral tentei contrariar a dramaturgia antiquada que fazia de Fernão Mendes Pinto uma personalidade irreal e simbolista, ou, no melhor dos casos, um viciado dos sofás dos psicanalistas. O homem dividido é um homem de olhos aber-

FERNÃO MENDES PINTO,

1 – ANTÓNIO CARA D'ANJO
2 – CARLA MOURÃO
5 – JOÃO SOROMENHO
7 – MANUEL MARCELINO
8 – MARIA DO CÉU GUERRA

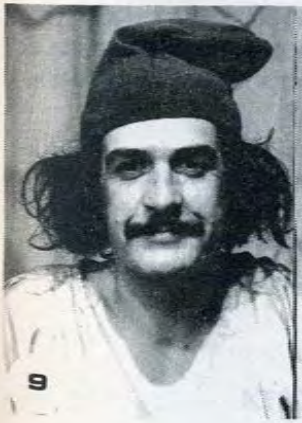
3

4

6

SOMOS NÓS TODOS

3 – CLARA ROCHA
4 – JOÃO MARIA PINTO
6 – MADALENA LEAL
9 – ORLANDO COSTA
10 – SANTOS MANUEL



9

10

tos perante a vida. Senão, como poderá enfrentar as contradições que o cercam?

Abstraindo das vocações que atiram os hesitantes para situações de palermice ou de oportunismo, a verdade é que um homem pode estar sujeito a várias pressões e procedimentos durante a sua vida, que mais tarde o envergonham.

Ao fim e ao cabo, o que interessa é o balanço que cada um pode fazer de si próprio, e a estima em que se tem, depois de tanta "estória" à sua volta. É uma condição de se ter saúde. Eu achei que o Fernão Mendes Pinto era um homem sem doenças nem aflições. E parece-me difícil ter outra opinião em relação a quem sobreviveu a tanta pancadaria e naufrágios. Esta "saúde" tem a ver com a capacidade de se interrogar. Por isso mesmo, durante o espectáculo, Fernão Mendes Pinto entra em confronto consigo mesmo, atira "rasteiras" a outras facetas da sua personalidade, brinca com as suas fraquezas e orgulha-se das coisas boas que consegue fazer. Um pouco como nós todos, não é?

Espectáculo exaustivo e vivo sobre as civilizações e culturas do século XVI, eis o que se quis fazer. E, como o próprio tema exigia, deveria haver, pontualmente, espectacularidade e "riqueza". Tentámos fazer isso tudo respeitando a linha estética que temos vindo a investigar: utilização de poucos meios, organicidade dos objectos, muita imaginação, muito "faz de conta que estou a fazer de ...". Em vez de multidões de adereços, escadas de corda, mastros, cascos partidos, telões e cenários transformáveis, meia dúzia de objectos importantes — uma vela, uma corda, uma espingarda, o mar, uma viola, panos e alguns fatos, um livro — "A Peregrinação" e o símbolo da acumulação do conhecimento — e a aposta na grande riqueza do teatro — o actor. O actor que, representa, brinca, engana, expõe, explica e se diverte porque conta a história de um dos bons farsantes de todos os tempos, Fernão Mendes Pinto.

Uma última palavra para a música, da responsabilidade de José Afonso, Fausto e Orlando Costa. Só para dizer que, independentemente da qualidade que ela possui, se verificou uma perfeita integração desses sons e pausas no espírito da narração, divertindo e emocionando sem alienar nem adormecer.

HELDER COSTA

FERNÃO, MENTES?

1. COMEÇA A AVENTURA

(Cais das Colunas. Gente carrega mercadorias para um barco. Ouvem-se gritos. Surge FMP a correr. No meio do palco, totalmente visível, finge que está escondido. O grupo que o persegue passa a correr, e não o vê.)

Gritos — Agarra que é judeu! Agarra! É marrano! Bandido! Sem vergonha!
(O grupo passa. FMP sai do "esconderijo". Dirige-se ao barco. Após um momento de hesitação, começa a ajudar a carregar. A "construção" desta cena implica a utilização de uma cantiga-la-daínha que auxilie o esforço físico.)

FMP — Para onde vai este barco?

CARREGADOR 1 — Para Setúbal.

FMP — Não precisam de homens?

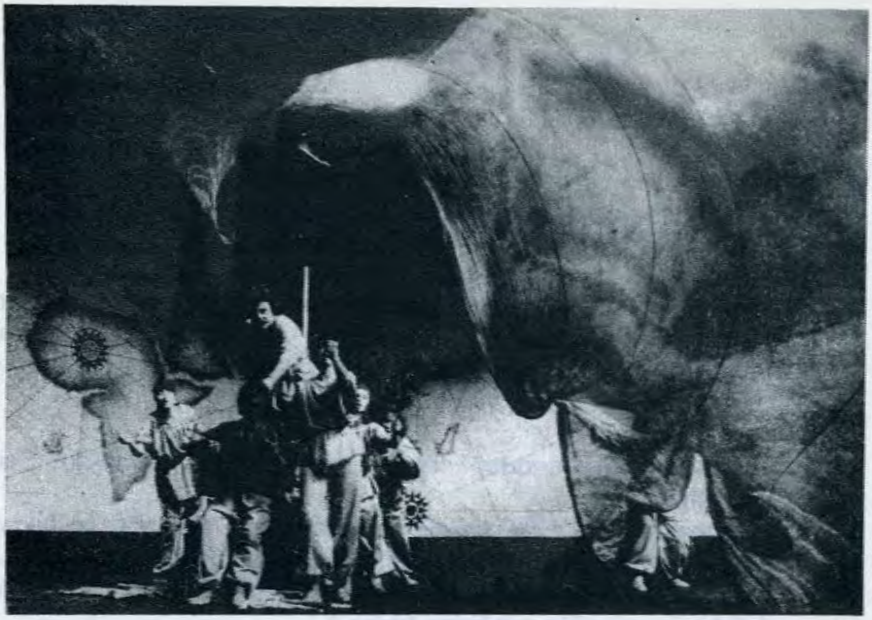
CARREGADOR 2 — Pergunta àquele que está a mandar.
(FMP dirige-se a um homem que dá ordens, de uma forma ritual e esteriotipada. Há uma conversa em mudo.)

COMANDANTE — Se não tens trabalho é porque não serves para nada. Mas vá lá, entra. Como é que te chamas?

FMP — Fernão Mendes Pinto.

COMANDANTE — Está tudo? Ao largo!
(O barco afasta-se. Ao mesmo tempo passa, a correr, o grupo que perseguia FMP)

— o0o —



O barco vai de saída

(Início da canção "A viagem")
(No mar surge outro barco. É um barco francês, e os piratas entram facilmente no barco português. Aprisionam a tripulação.)

PIRATA CHEFE — Alors? Petits salauds?

MARINHEIRO 1 — Não me façam mal! Não me façam mal!

PIRATA 2 — Salopards!

PIRATA 3 — Conard! Espèce d'andouille!

MARINHEIRO 2 — Tenho mulher e filhos . . . deixem-me . . . piedade . . .

PIRATA CHEFE — Je te casse la guele! Métèque!

COMANDANTE — Fiquem com a carga. É muito rica. Nem é nossa, quero lá saber!
(Piratas enchem-se com a mercadoria. Aproximam-se da praia.

Vai ao fundo, vagabundo...

Quando às vezes ponho diante dos olhos

Há uma placa a dizer: MELIDES, do estilo das que existem hoje. Atiram FMP e outros para lá.)

CANÇÃO "Quando às vezes ponho diante dos olhos"
(Em quadros mudos, FMP é mendigo, trabalha como criado, luta à espada, corre como mensageiro, ama uma mulher e entra no barco para a Índia. Ao mesmo tempo em voz off:)

A MINHA PRIMEIRA VIAGEM TERMINOU COM A TOMADA DO NOSSO BARCO POR CORSÁRIOS FRANCESES, E FOMOS ATIRADOS PARA A PRAIA DE MELIDES, MAIS MORTOS QUE VIVOS.

FUI AJUDADO POR GRANDES FIDALGOS COM QUEM TRABALHEI ALGUNS ANOS E ONDE APRENDI COISAS DE MUITO VALOR.

MAS COMO SE GANHAVA POUCO NAS CASAS DOS PRÍNCIPES, DETERMINEI EMBARCAR-ME PARA A ÍNDIA, AINDA QUE COM POUCAS ILUSÕES, JÁ DISPOSTO A TODA A VENTURA, OU MÁ OU BOA, QUE ME SUCEDESSE.

(No final deste texto, os actores já levantaram do chão uma vela grande, começando a viagem para a Índia. Continua a canção. Passa o dia e a noite, o sol e a lua.)

Na longa viagem, passam as noites e os dias.

2. ABASTECIMENTO EM ÁFRICA

(O barco continua em viagem. Ouvem-se ritmos e sons africanos. O barco começa a acostar).

MARINHEIRO 1 — Anda Fernão Mendes. Vamos procurar água.

FMP — Onde estamos?
(Sai um grupo. Deparam com uma cachoeira. Ao mesmo tempo ouvem-se cantos e ritmos de batuque).

MARINHEIRO 2 — Costa de África.
(Fernão Mendes Pinto e os outros ficam a espreitar e assistem a um ritual estranho. Ao centro, um totem).

FMP — Mas o que é isto?

MARINHEIRO 1 — Bruxaria. Herejes.

FMP — São judeus?

MARINHEIRO 1 — Se calhar. São pretos, são capazes de tudo.

FMP — E não os matam?

MARINHEIRO 1 — Shiu? Cala-te, que eles podem ouvir.
(A cerimónia continua. Fumos, passagens de objectos, ídolos, entrega de pássaros, etc.).

MARINHEIRO 1 — Estás a ver? Aqueles paus, são os deuses deles..
(Continuam as danças)

MARINHEIRO 1 — Vamos a eles!
(Atacam os negros. Uns fogem, outros ficam mortos. Destróiem

os ídolos e os símbolos do ritual. Chega o Padre. Começam a rezar.)

PADRE – Salvemos estas pobres almas. Salvemos.
(O padre agarra no totem, põe-lhe rosáceas nas faces, um pequeno manto azul sobre a cabeça, uma auréola dourada, e fica uma Nossa Senhora.
Obrigam os pretos a adorar o novo ídolo, celebram missa e arrastam-nos para o barco; música eclesiástica começa a abafar a música africana.)

FAUSTINO *(Com uma espingarda)* – Padre, eu fico aqui.

PADRE – Fica, meu bom Faustino. Assim conquistarás o perdão pelos teus crimes e trabalharás para o engrandecimento e glória de El-Rei D. João III.
(Faustino fica ajoelhado com a espingarda ao lado do totem, com o chefe negro morto a seu lado. Entretanto, o barco afasta-se puxado pelos escravos. Recomeça a canção "Quando às vezes ponho diante dos olhos".)

3. CHEGA-SE À "TERRA PROMETIDA..."

(No convés do barco, cenas de todos os dias. A um canto, reparam-se redes, outros limpam espingardas e outras armas. Um padre, armado com uma espada, ajuda um doente. FMP lava o convés; um marinheiro passa por ele e pisa-lhe a mão. Começa uma briga. Algazarra e apoio à luta por parte dos marinheiros.)

MARINHEIRO 1 — Vais ficar um pintaínho.

FMP — Vais deixar de cantar de galo.

MARINHEIRO 2 — Deixem-se de conversas de capoeira.

MARINHEIRO 3 — Vá lá! Vamos a ver se são homens!

MARINHEIRO 1 — Eu rebento este judeu de merda.
(Luta violenta. São separados. FMP quer continuar a lutar.)

PADRE *(Com sineta)* — Calma! Calma!
(Continuam a reagir)

PADRE *(Com a sineta e com a espada)* — Calma, senão racho a cabeça a um.

MARINHEIRO 1 — Este Fernão Mendes Pinto é judeu. Trás mau olhado.

PADRE *(Melífluo)* — És judeu, Fernão Mendes Pinto?

FMP — Não, nunca fui.

PADRE — Não tenhas medo. Deus Nosso Senhor é misericordioso.

FMP — Não sou judeu, não sou.